

PROGRAMA DE RÁDIO

ESCUTAR E PENSAR
RÁDIO MEC-AM 800 MHZ



Assédio

2ª feira: 2/ dezembro/2002

Bom dia, ouvinte do Caderno Manhã da Rádio MEC. No quadro «Escutar e Pensar», nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Nos últimos tempos se fala muito sobre assédio sexual. Principalmente nos Estados Unidos tem muito processo por assédio. Eu queria convidar você para pensar um pouco sobre isso.

Todos nós já vimos alguma tirinha de revista em quadrinhos ou já ouvimos alguma piada com a seguinte cena: tem o Patrão, meio gordo, meio velho e rico. E tem a Secretária, que é sempre jovem e bonita, do tipo gostosa. E a Secretária está sempre sentada no colo do Patrão.

Quando a gente vê essa cena, entende perfeitamente que o que está em jogo é o Poder. O Patrão tem dinheiro. A tal Secretária quer ter dinheiro. Mas ela tem outros poderes: beleza e juventude que o Patrão não tem. A moeda de troca nessa história é o Sexo. O Patrão quer fazer sexo com a beleza e a juventude da Funcionária e ela quer arrancar o dinheiro do Patrão. Tudo gira em torno de como a Funcionária e o Patrão chegam a um arranjo. É uma história que pode ser cômica ou pode ser trágica.

Lembre quantos filmes você já viu com esse enredo, e é engraçado quando esse jogo entre Patrão e Funcionária imita Tom e Jerry. Ela, sendo a parte fraca do jogo, conseguindo com sua esperteza, vencer o Patrão. A gente ri das artimanhas e torce para que o Patrão, poderoso com seu dinheiro, se transforme em um pateta. No final, o fraco vence o forte e é engraçado justamente porque isso é inusitado. Porque, na realidade, quando essa história acontece mesmo, fora do cinema, dos quadrinhos e da piada, aí não é comédia, é tragédia.

É tragédia porque na vida real, esse jogo tem as peças marcadas. Mesmo quando a funcionária ganha o dinheiro do Patrão, ela perde. Perde o respeito e a dignidade que o trabalho confere a cada um de nós. Porque o que está sendo prestado ao patrão é um serviço sexual e o trabalho profissional daquela funcionária não tem uma importância.

Mas será que esse é sempre um jogo sujo ? Um patrão não pode se apaixonar pela funcionária ? Uma empregada não pode se envolver com o patrão ? Claro que sim. Todos nós conhecemos lindas histórias de amor. Então qual é a diferença entre o assédio e a paquera ?

Essa é uma questão ética, e não tem a ver com moralismo. O problema está no uso indevido do poder. Veja só: o patrão tem poder sobre a funcionária. Pode demitir, o que significa impedi-la de ganhar dinheiro pelo seu trabalho prestando os serviços para os quais foi contratada. Ele pode coagir, chantagear, pode se utilizar de sua posição de poder para obter o que não consta do contrato. É esse abuso de poder que caracteriza o assédio.

Numa situação como essa, uma parte não tem condição de escolher porque está sendo coagida. Quando duas pessoas se interessam uma pela outra, para que esse interesse floresça a condição é que ambas as partes possuam as mesmas possibilidades de escolha. Que não haja coação. Sem cartas na manga, sem ameaças, sem medos.

A atração entre duas pessoas é deliciosamente misteriosa. Transformar isso num negócio imposto é aviltar aquilo que é mais precioso para o ser humano: a sua liberdade.

Pense nisso, ouvinte, e até amanhã com o quadro «Escutar e Pensar», do Caderno Manhã da rádio MEC. Se você tiver alguma pergunta, telefone para 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

3ª feira: 3/ dezembro/ 2002

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da Rádio MEC. No quadro «Escutar e Pensar» nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

E quando se ouve falar em assédio se pensa logo em assédio sexual. Mas essa não é a única forma de assédio que existe. Qualquer forma de insistência incômoda é assédio, seja com propostas, com pretensões, com perguntas...

Vamos pegar a questão do artista, por exemplo. Todo artista almeja a fama, o reconhecimento público. Afinal, artista faz seu trabalho para ser apreciado e o aplauso é como um alimento. Claro que muitos fatores entram em jogo para que o artista seja reconhecido. Hoje em dia, com a globalização, a exposição na mídia é fundamental para o sucesso. Quanto mais um artista aparece, mais famoso ele se torna. Os artistas que trabalham em novelas sabem bem o que isso representa. Seus personagens passam ao domínio público. As modas nascem daí. O jeito de falar, de se vestir, de se pentear. Nós que somos pessoas comuns, quando nós imitamos um artista, nos sentimos nós mesmos um pouco famosos. Mas isso não acontece apenas com

os artistas. Acontece com todos que se tornam celebridades. Lady Di, por exemplo. Ou, agora, no Brasil, o Lula.

Quase nem existe mais o espaço entre a vida pública e a vida privada. O frango com polenta, prato predileto do Lula em sua vida privada, já entrou na moda, já é coisa pública.

As pessoas querem saber tudo a respeito do Ídolo. Quanto mais informação se consegue, mais informação se exige. As notícias e as imagens das celebridades vendem como água, e a mídia passa a explorar esse filão. As celebridades viram produtos que estimulam as vendas. Então, os fãs assediam as celebridades, e as celebridades são assediadas pela mídia.

A mídia cumpre o papel de informar, que é fundamental, mas a gente não pode esquecer que a mídia também quer vender. E é aí que, muitas vezes, a cobertura dos fatos feita pela mídia assume o caráter de assédio, e em lugar de notícia surge o sensacionalismo. A vida privada dos ídolos passa a ser inteiramente devassada. Os "papparazzi" são um exemplo disso. Papparazzi são fotógrafos que caçam fotos inéditas, geralmente escandalosas, perseguem as celebridades, lançam mão de todos os recursos para trazer a público cenas e momentos íntimos dos ídolos. Muitos desses recursos são ilícitos. E são ilícitos porque ultrapassam o direito à privacidade que cada um de nós tem, famoso ou não. Agora, temos que pensar que é a nossa curiosidade insaciável que alimenta esse tipo de coisa.

Fãs assediam seus ídolos. Pedem autógrafos, mandam beijos, choram de emoção, querem tocá-los. Não tem nada de condenável nesse assédio. Faz parte da fama e toda celebridade deve estar preparada para isso. E a mídia tem o direito e o dever de informar e de ir em busca de fatos novos. O que transforma o assédio em algo condenável é quando se avança no direito de cada um de nós de termos a nossa intimidade. Quando o respeito deixa de existir e o vale-tudo passa a imperar.

Pense nisso, ouvinte, e até amanhã com o quadro «Escutar e Pensar», do Caderno Manhã da rádio MEC. Se você tiver alguma pergunta, telefone para 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

4ª feira: 4/ dezembro/ 2002

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da Rádio MEC. No quadro «Escutar e Pensar» nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Olha o que aconteceu com uma amiga que morava nos EEUU: ela contou que levou seu filho ao pediatra, era um menino de dois anos. O pediatra americano pediu à mãe que despisse a criança para o exame. Aí ele fez o exame de rotina mas quando foi examinar os genitais, o médico pediu à mãe que examinasse. A mãe não sabia como fazer, ela não era nem médica nem

enfermeira. Ela perguntou ao pediatra porque ele mesmo não examinava e o médico respondeu muito sério que como não havia nenhuma outra pessoa no consultório, ele não queria ser acusado de abuso sexual.

Esta historinha que para nós, brasileiros, parece um despropósito, faz sentido se a gente pensar na quantidade de processos que são movidos nos EEUU contra pessoas acusadas de abuso de crianças.

O abuso contra crianças é crime previsto tanto na lei americana quanto na nossa. Crime grave porque aquele que o comete produz na criança problemas emocionais que marcam pelo resto da vida. Esse criminoso deve ser denunciado e punido com todo o rigor da lei. Qualquer um de que tome conhecimento de uma atitude dessas tem o dever de denunciar à polícia.

Isso é uma coisa. Outra coisa é uma espécie de paranóia coletiva, infelizmente vivida nos EEUU, que faz as pessoas desconfiarem de qualquer adulto que toque uma criança, já pensam logo em abusador sexual.

As crianças necessitam ser cuidadas e acariciadas. O carinho é uma expressão de amor tão vital para o ser humano quanto o alimento. Sem carinho e sem atenção, a criança não se desenvolve na sua plenitude de ser humano. Isso vale para pobres e ricos e a atenção e o cuidado não são, e nem devem ser, privilégios. E examinar uma criança é um ato de cuidado.

Nós sabemos que existem pediatras que se valem de sua profissão para assediar crianças. Sabemos também de professores, de padres e de familiares que fazem isso. Não podemos nos esquecer que estes adultos estão cometendo crimes. Mas também não podemos nos esquecer de que a imensa maioria dos adultos não é criminoso.

Os pais de uma criança devem protegê-la. Esse é um direito da criança e um dever dos pais. Mas não basta vigiar todo mundo que se aproxima da criança. O cuidado que se deve é estar atento ao bem estar da criança. É preciso observar se a criança brinca, se ela aprende, se ela tem auto-confiança, se ela é amorosa, se ela tem amiguinhos. O cuidado consiste em se proibir as coisas perigosas e de ensinar à criança o respeito aos outros. O cuidado consiste em se conversar com a criança e de se levar a sério aquilo que ela nos diz. Não temos como impedir que todas as coisas ruins aconteçam com ela. Mas podemos ter com a criança uma relação de confiança tal que permita a ela, se algo de mau lhe acontecer, contar com a nossa ajuda.

Se fizermos assim, nós estaremos não apenas protegendo as nossas crianças, mas também evitando que elas se tornem, no futuro, assediadores de crianças.

Pense nisso, ouvinte, e até amanhã com o quadro «Escutar e Pensar», do Caderno Manhã da rádio MEC. Se você tiver alguma pergunta, telefone para 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.